

**AS CATEGORIAS
“MEMÓRIA” E
“MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL” NAS
CONCEPÇÕES DE
JAQUES LE GOFF,
MAURICE
HALBWACHS E
MARIA CIAVATTA**

Antonio Max Ferreira da Costa [*]

Joentina Firmina Rodrigues [**]

José Mateus do Nascimento [***]

[*] Doutorando em Educação. Professor das redes públicas de ensino estadual do Rio Grande do Norte.

E-mail: a.maxcosta@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2586-9349>

[**] Mestranda em Educação.

E-mail: joentinar13@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9865-8374>

[***] Doutor em Educação. Professor no Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: zenmateus@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4964-5216>

RESUMO

O presente artigo trata de reflexão sobre Memória baseada na teorização de Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs e sobre Memória da Educação Profissional (EP) sob perspectivas teóricas de Maria Ciavatta, como categorias de análise fundantes nos estudos de temas da História e da História da Educação. Para a realização desse escrito fez-se uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, bem como leituras reflexivas sobre as concepções propostas pelos autores citados. Com esse estudo, pode-se concluir que tanto a Memória como a Memória da EP são categorias históricas essenciais para as pesquisas em História da Educação, especificamente, em História da EP, pois constituem elementos mobilizadores da produção de narrativas verbais (depoimentos, escrituras e impressos) e não verbais (iconografias).

Palavras-chave: Memória. Memória da Educação Profissional. História. Categorias Históricas.

INTRODUÇÃO

O escrito que ora se apresenta trata-se de reflexões sobre “Memória” nas perspectivas teóricas apresentadas por Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs e sobre a “Memória da Educação Profissional” enquanto categoria de análise histórica pensada por Maria Ciavatta.

A construção metodológica desse texto se deu em dois momentos, primeiramente fez-se uma pesquisa bibliográfica, buscando compreender quem são os teóricos Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta, assim como, os dois primeiros conceituam “Memória” e a última cientista social teoriza sobre a “Memória da Educação Profissional”, destacando as implicações desses construtos teóricos para as investigações históricas no campo da educação.

O estudo possui como problema inicial de pesquisa o estabelecimento de relações entre os pensamentos de Le Goff, quando discute o conceito de Memória; de Halbwachs, quando amplia essa conceituação ao abordar sobre Memória Coletiva; e Ciavatta ao utilizar esses conceitos no contexto da História da Educação Profissional, questionando: com base nessa conceituação, ocorre a necessidade da abordagem de uma memória da Educação Profissional em pesquisas sobre a História da Educação Profissional, nas interfaces entre educação e trabalho?

A seleção dos referidos teóricos se justifica por serem intelectuais, pesquisadores, expoentes em estudos no campo da História e da História da Educação. Ocorre referência a estes nomes por publicarem obras consideradas clássicas na discussão epistemológica sobre a memória e a memória coletiva para a escrita da história, da história da educação, em particular, Ciavatta desenvolvendo pesquisas em História da Educação Profissional.

Metodologicamente, optamos pela pesquisa bibliográfica, destacando estudos sobre as obras fundamentais dos autores, a saber: “História e Memória”, texto escrito por Le Goff em 1996; “Memória Coletiva”, obra publicada em 1990 por Halbwachs; e os livros de Maria Ciavatta, intitulados Como se escreve a “História da Educação Profissional: caminhos para historiografia”, editado em 2019 e “A cultura material escolar em trabalho e educação - A memória fotográfica de sua transformação”, publicado em 2009.

Esse texto foi organizado em três partes, sendo a primeira intitulada “Biobibliografias de Jaques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta”, nesse tópico se apresenta breve contextualização histórica da bibliografia dos teóricos em foco; No segundo, item discorre-se sobre “As concepções de Memória em Jaques Le Goff e Maurice Halbwachs”; No terceiro tópico tem-se “A memória da Educação Profissional em Ciavatta”, que realiza reflexões sobre a memória no campo da EP; Depois, seguem as considerações finais e as referências para aqueles que quiserem aprofundar a temática.

Biobibliografia de Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta

Antes tecer reflexões sobre as categorias históricas “Memória” e a “Memória da Educação Profissional” nas concepções de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta cerne desse escrito, compreendemos ser relevante conhecer os contextos sócio-históricos de produção das obras em destaque.

Jacques Le Goff é considerado um dos mais representativos teóricos da história, nasceu em Toulon na França, em 01 de janeiro de 1924. Seus pais eram professores. Ele viveu na cidade até o final da Segunda Guerra Mundial, onde fez seus estudos iniciais. Na ocasião, foi aluno de Henri Michel, na época membro da resistência, e um tempo depois, tornou-se um analista especializado em história da 2ª guerra mundial. Le Goff, posteriormente, estudou em Marselha e em seguida, foi convocado para o serviço de trabalho obrigatório pelo Governo de Vichy, unindo-se ao movimento de resistência.

Sabe-se que com o fim da 2ª guerra mundial Le Goff estabelece-se em Paris e lá cursou a *École Normale*, na qual iniciou sua carreira de historiador e obteve a licenciatura. Entre os anos de 1945 e 1958, com o foco no período medieval, complementou a sua formação acadêmica dedicando-se as pesquisas em Praga, Oxford e Roma, como relata Silva (2016).

Jacques Le Goff começou suas atividades docentes na Universidade de Lille, no ano de 1958. No ano seguinte, foi logo nomeado por Fernand Braudel para o seu primeiro cargo na VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, daí então, a trajetória desse historiador não se desvinculou mais dessa instituição. Dez anos depois, precisamente em 1969, portanto, após sua nomeação à VI Seção, o próprio Braudel designou-lhe, juntamente com Emmanuel Le Roy Ladurie e Marc Ferro, para a direção da revista *Annales. Histoire, Sciences Sociales*.

Conforme Silva (2016) *Annales, Histoire, Sciences Sociales* é uma revista fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, esse documento está associada à origem da Escola dos *Annales*, e representa, sem dúvida, um marco importante para a renovação dos estudos históricos contemporâneos e que marcadamente influenciou nas elaborações teóricas de Le Goff sobre História e Memória.

Em 1972, Le Goff foi eleito presidente da VI Seção com o apoio de Braudel que, impedido pela idade de permanecer no cargo, afastando-se oficialmente. Ele foi o terceiro presidente da VI Seção da *École Pratique des Hautes Études* (1972-1977), lugar anteriormente ocupado por Lucien Febvre, criador da referida seção; e Braudel, este último foi um dos principais atores no processo que garantiu maior autonomia à Escola em relação ao Ministério da Educação Nacional, que passou a ser designada, em 1975, como *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Neste período, destacamos que Le Goff se manteve vinculado à *École* como integrante do comitê de direção da Revista.

Jacques Le Goff era muito envolvido com a *École* e com os *Annales*, estando ao lado de autores como André Burguière, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby, Jacques Revel, Michel Vovelle e Philippe Ariès, entre outros, sendo identificado, como o integrante da terceira geração dos *Annales*. Incluído entre pesquisadores que investigavam a Idade Medieval, ao longo de sua trajetória, interagiu com intelectuais ligados aos *Annales*: Marc Bloch, Le Febvre, Le Roy Ladurie, Braudel e Duby. As ideias desses teóricos foram fundantes para a construção das pesquisas históricas sobre a Idade Média tecida por Le Goff.

O respeitado historiador francês Jacques Le Goff publicou escritos até o final de sua vida. Seus últimos trabalhos datam até 2014. Tendo falecido no dia 1º de abril de 2014, em Paris, aos 90 anos de idade. Ele deixou como legado as principais obras conforme segue: *Marchands et Banquiers du Moyen Âge* (1956); *Les intellectuelles au Moyen Age* (1957); *Les grandes civilisations* (1964); *Les mentalités: une histoire ambiguë* (1974) texto escrito em parceria com Pierre Nora; *Pour un autre Moyen Âge. Temps, travail et culture en Occident* (1977); *História e Memória* (1977-1982); *La Nouvelle Histoire* (1978); *L'apogée de la France urbaine médiévale* (1980); Prefácio da obra *Les rois thaumaturges* de Marc Bloch (1983); *La bourse et la vie, Économie et Religion au Moyen Âge e Os Limbos* (1986); *o limbus puerorum e limbus patriarcharu; Saint Louis e L'Europe expliquéé aux jeunes* (1996); *Pour l'amour des Villes* (1997); *A Cultural History of humour* (1997); *Une vie pour l'histoire. Entretiens avec Marc Heurgon* (1998); *Dictionnaire raisonné de l'Occident medieval* (1999).

A partir dos anos 2000, as obras escritas por Le Goff são: *L'intolerance* (2000); *Saint François d'Assise* (1999); *A la recherche du Moyen Age, Une histoire du corps au Moyen Age, La plus belle histoire de l'amour e Le Dieu du Moyen Âge* (2003); *Heróis e Maravilhas da Idade Média* (2005); *O valor da paz no Ocidente medieval, Un long Moyen Âge e Le Moyen Âge expliqué aux enfants* (2006); *L'Europe est-elle née au Moyen Age?* (2007); *A Idade Média e o Dinheiro* (2010); *Homens e Mulheres na Idade Média* (2012); *A la recherche du temps sacré e Legenda Aurea* (2014).

Como se visualiza, o historiador Jacques Le Goff produziu um grande acervo de obras, constituindo-se significativo legado para a epistemologia teórico-metodológica do campo da pesquisa em História, fundamentando epistemologicamente a discussão sobre a memória no fazer historiográfico.

Maurice Halbwachs nasceu em 11 de março de 1877 na cidade Reims, França. Estudou na *École Normale Supérieure* de Paris, sendo aluno do filósofo Henri Bergson, que influenciou e contribuiu para formação de suas ideias. Maurice Halbwachs também sofreu influências da bibliotecária Lucien Herr, da *École*, que era pioneira do socialismo. Esse fato fez Halbwachs se filiar ao partido.

Halbwachs começou suas tarefas como professor de filosofia em diversos liceus. Em 1904, após completar seus estudos na área do Direito, Ciências Sociais e Matemática, fez uma viagem para a Alemanha, e lá lecionou em Hannover e Gottingen. No ano de 1909, adquiriu o título de doutoramento em Ciências Políticas e Econômicas e em Letras no ano de 1912.

Como celebre teórico, Halbwachs é influenciado pelo sociólogo francês Émile Durkheim, e, desse modo, passa a aprofundar seus conhecimentos sobre ciência da sociedade e torna-se discípulo de Durkheim. No ano de 1918 é nomeado docente de Filosofia na Universidade de Caen e por volta de 1919 passa a ministrar aulas de Sociologia na Universidade de Strasbourg.

No ano de 1930 é convidado a lecionar como professor visitante na Universidade de Chicago, depois de cinco anos, especificamente, em 1935 recebe convite para ministrar aulas na Sorbonne, tendo a honra de trabalhar ao lado do sociólogo Marcel Mauss. Além das atividades de professor, Maurice Halbwachs também exerceu cargo de presidente do Instituto Francês de Sociologia, depois foi diretor e colaborador da revista acadêmica *L'Année Sociologique*, entidade editorial e científica fundada pelo sociólogo Émile Durkheim.

Em 1944 Halbwachs recebeu o título da cátedra de Psicologia Social no *Collège de France*. De posição política socialista, em 1944 foi preso por militares alemães, que por força do nazismo haviam ocupado Paris. Alguns meses mais tarde, foi levado para o campo de concentração de Buchenwald, Weimar, na Alemanha, onde foi covardemente assassinado em 16 de março de 1945.

O conjunto das obras de Maurice Halbwachs estiveram vinculados ao campo da psicologia social e reflete o contexto histórico em que viveu, inclusive as contradições inerentes aos tempos de guerra. Foi responsável, especialmente pela formulação de uma teoria acerca da memória coletiva, que estabeleceu um vínculo psico-sociológico entre o presente e o passado, conceito amplamente discutido por historiadores. As principais obras de Halbwachs são: “*Le Cadres Sociaux de la Mémoire*” (1925), “*Le Causes du Suicide*” (1930), “*Morphologie Sociale*” (1938) e “*La Mémoire Collective*” (1950) (obra póstuma).

A cientista social Maria Ciavatta, atualmente, considerada uma das pioneiras nas discussões sobre a escrita da História da Educação Profissional no Brasil, destacada por estudos que desenvolve sobre a relação trabalho e educação ao longo do processo histórico de constituição do país como nação brasileira.

Maria Ciavatta ingressou no nível superior em 1957 nas graduações de Letras Clássicas e Filosofia, ambas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), a primeira graduação foi concluída em 1960 e a segunda no ano de 1967. Foi admitida no mestrado em educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 1974, defendendo a dissertação intitulada “Mudanças no ensino e distância social” recebendo a titulação de mestra em 1978. Após seis anos, Maria Ciavatta iniciou o doutorado em educação, na mesma instituição onde se graduou, defendendo a tese: “O trabalho como princípio educativo: uma investigação teórico-metodológica (1930-1960)”, no ano de 1990, sendo orientada pelo professor doutor Leandro Konder.

A professora Maria Ciavatta após o doutoramento continuou seus estudos de pós-doutoramento em Sociologia do Trabalho em *El Colegio de México* (1994-95), outro na *Università degli Studi di Bologna*, Itália (1995-96) e no Departamento de Filosofia da *La Sapienza Università di Roma*, Itália (2017)¹.

¹ Dados coletado do currículo lattes da professora doutora Maria Ciavatta. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4728295J8>>. Acesso em 08 de fev. 2020.

Maria Ciavatta tornou-se professora titular em Trabalho e Educação da Universidade Federal Fluminense. Exerce docência junto ao Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal Fluminense e foi docente visitante na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008 a 2013).

Atua na área de pesquisa em Trabalho e Educação, ainda coordena o Grupo THESE - Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde. É classificada pesquisadora 1A pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem publicado artigos e livros, com ênfase em Epistemologia e Ciências Humanas e Sociais aplicadas à Educação, principalmente nos seguintes temas: história e historiografia da relação trabalho e educação, a fotografia como fonte de pesquisa, estudos comparados, ensino médio, educação profissional, técnica e tecnológica, formação integrada e memória no campo da educação profissional.

As principais obras de Ciavatta são: “Como se escreve a história da educação profissional: caminhos para a historiografia”, texto divulgado em 2019; “Mediações históricas de trabalho e educação: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60)”, publicado em 2009; em 2008, organizou “A Leitura de Imagens na Pesquisa Social. História, Comunicação e Educação”; “Memória e temporalidades do trabalho e da educação”, editado em 2007; “Ensino médio integrado: concepção e contradições”, publicação de 2005; Em 2004, “A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação”; No ano de 2002, publicou as obras “A experiência do trabalho e a educação básica” e “O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)”; em 2001 escreveu sobre “Teoria e educação no labirinto do capital”.

A apresentação das biobibliografias desses teóricos se justifica neste artigo porque faz-se necessário compreender que as discussões epistemológicas são historicamente situadas, de forma que antes das ideias, torna-se fundante conhecer quem as produziu e em qual contexto histórico foram fomentadas. O conjunto dessas teorias foram elaboradas no século XX e somente amplamente divulgadas durante o início do século XXI entre os pesquisadores brasileiros.

Concepções de memória em Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs

Ao pensar a categoria memória na concepção de Jacques Le Goff lembra-se de imediato

da obra “História e Memória” (1988) com destaque para o ensaio nominado de “Memória”. Nesse escrito sobre a memória, Le Goff traz uma discussão de conceitos de modo didático, porém complexo.

Na introdução do texto “Memória” Le Goff, traduzido por Leitão et al (1996), estabelece que o conceito de memória é fundamental, muito embora este ensaio seja dedicado à memória tal como ela é inaugurada nas Ciências Humanas, especialmente, na História e na Antropologia, se ocupando mais da memória coletiva ou social do que das memórias individuais. Mas o que seria a memória tecida no campo científico global? “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p. 423).

Observa-se a partir das ideias de Le Goff (1996) citadas acima que o estudo da memória envolve vários campos científicos, tais como: Psicologia, Neurofisiologia, Biologia e Psiquiatria. E qual a relação com a História? Segundo Le Goff (1996) alguns elementos do estudo da memória, no centro de qualquer dessas ciências, podem rememorar, de forma metafórica ou concreta, traços e problemas de uma memória histórica e de uma memória social.

Considera-se no estudo histórico que “[...] da memória histórica é necessário dar uma importância especial as diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita, [...]” (LE GOFF, 1996, p.426). Nesse momento, Le Goff (1996) aborda sobre a existência da memória oral e a memória escrita, não existindo uma memória coletiva bruta, pois no documento/monumento a escrita exerce duas funções, uma de armazenamento de dados, que podem fazer comunicar através do tempo e do espaço, fornecendo ao ser humano um processo de memorização e registro, a outra função é assegurar a passagem do campo auditivo ao visual, possibilitando reordenar, reexaminar, refazer frases e até palavras excluídas.

Ainda nesse raciocínio, entende-se que na passagem da oralidade a escrita, a memória coletiva e mais especificamente a memória artificial é profundamente transformada, remetendo-se “[...] aos processos de constituição da memória coletiva, Leroi-Gourhan dividiu a sua história em cinco períodos: “o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica” (LE GOFF, 1996, p. 467).

Sobre os estudos dedicados à memória social, Le Goff (1996) diz ser um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória, às vezes, está em retraimento, em expansão ou transbordamento.

Em tese, afirma-se que a memória é um conhecimento do passado que é guiado pelo presente, é uma espécie de saber que bebe nas fontes das lembranças individuais de cada sujeito, mas também de jogos de poderes e interesses, que não necessariamente passam por uma pesquisa e pela crítica das fontes.

Normalmente, a memória glorifica ou demoniza o passado ou parte do passado, aquilo que ela quer lembrar, carregando ainda julgamentos morais a respeito dos eventos que ela lembra, que podem ir mudando com o passar dos anos, de acordo com os interesses e disputas atuais, ou seja, conveniente, a memória esconde elementos do passado que não servem a narrativa que se quer defender. Sinteticamente, a memória trata de uma reconstrução do passado que, normalmente, servem para atender interesses do presente, tais como: econômicos, políticos, religiosos, culturais, dentre outros.

Reflete-se que a memória é composta por um elemento afetivo significativo, pois um acontecimento rememorado, expresso de uma forma narrativa, pela qual o sujeito constrói um sentido do próprio passado, uma memória que se torna um relato, comunicado com um mínimo de coerência, ou seja, para se constituir discurso. Um fato coletivo pode ser contado com coerência vira um discurso de memória, logo poderia ser dito que a memória é um compartilhamento de lembranças acerca do passado. Desse modo, uma memória compartilhada se baseia num olhar para o passado, ancorada nos interesses e visões do mundo presente. Essa ação pode ser desprovida de senso crítico e sem método?

Acredita-se que no passado a memória carregava um estigma de uma informação sem senso crítico e ausente de método. Tal prerrogativa parece que vem sendo superada, pois uma parte dos historiadores seguidores da Nova História e da História Cultural, o concebem como mais uma fonte de pesquisa de dados usados para os estudos de abordagem histórica.

Adverte-se que a memória é mais uma fonte e não a história em si, segundo Burke (1992) a memória constitui-se em fonte histórica na medida em que ao serem externadas possibilitam saber o que é recordado, expressando ainda fenômenos históricos, ou seja, referindo-se à história social da recordação.

Maurice Halbwachs inaugurou a categoria “Memória Coletiva” (DA SILVA 2016). Para apoiar as reflexões tecidas sobre a memória na visão desse teórico, usa-se como referência a sua obra “Memória Coletiva” publicada em 1950, cinco anos após a sua morte.

Halbwachs (1990) concebe a memória como uma espécie de processo de reconstrução, devendo ser investigada, levando em consideração duas questões: a primeira, refere-se ao fato de que não se trata de uma repetição cronológica, linear dos acontecimentos e vivências no contexto de interesses atuais; a segunda questão, é aquela que se diferencia dos acontecimentos e vivências, podendo ser evocados e localizados em um determinado tempo e espaço envoltos num conjunto de relações sociais.

Mesmo destacando a memória coletiva como categoria, Halbwachs não deixa de apontar a definição de memória individual, como sendo um traço marcante da memória coletiva, pois a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e conseqüentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a escola, a família, igreja, os amigos do dia-a-dia ou do trabalho, sendo assim, entende-se que o indivíduo participa das dimensões da memória individual e/ou coletiva.

Reafirma-se que a memória coletiva objeto de reflexão desse escrito, segundo Halbwachs (1990, p. 53 e 54) “[...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”.

Compreende-se, então, que a memória não é um evento mental fechado e isolado. O ser humano precisa fazer apelo às lembranças dos outros que são fixadas pela sociedade. A memória individual utiliza-se das palavras e das ideias, que o homem não inventou, mas tomou emprestado do seu ambiente Halbwachs (1990).

Um outro aspecto que merece destaque nessa reflexão quando Halbwachs (1990) advoga que a história não é tida como um elemento importante para o processo de preservação da memória. Nesse sentido, o autor afirma que por história entende não uma sucessão cronológica de acontecimentos, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os escritos ou livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro esquemático e incompleto.

Por falar em memória histórica, pode-se dizer que é por meio dela que um fato exterior à nossa vida deixa sua impressão em determinado momento e a partir dessa impressão que é possível evocar as recordações sobre acontecimentos. Como a memória é recordação ou melhor reconstrução de elementos do passado, e que para ser construído necessita de dados do presente, então, a memória também é representação, pois reconstrói e ressignifica eventos do passado a partir do presente.

Ainda nessa tessitura sobre a memória histórica, compreende-se que ela objetiva produzir imagens unitárias do processo histórico, diferentemente da memória coletiva, a memória histórica busca respostas para o presente no passado. Um ponto forte da história é a descontinuidade, pois cada fato encontra-se separado do que o precede ou o segue por um intervalo, em que se pode até acreditar que nada aconteceu, ou melhor, trata-se de um dos principais fatores que diferencia a memória coletiva da memória histórica.

Outro fato que se destaca, nos estudos de Halbwachs (1990) refere-se aos nexos entre a memória e o espaço, uma vez que a partir do momento em que um grupo social se encontra imerso em um espaço, ele passa então a moldá-lo a sua imagem, isto é, a suas concepções, os valores, ao passo que também se adequa a materialidade do lugar que resiste a sua influência.

Para Halbwachs (1990) cada aspecto e cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sua sociedade, enfim, “[...] cada sociedade recorta o espaço a seu modo, mas de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 160).

Neste sentido, a (re)elaboração da memória implica numa dada seleção de lembranças que queremos preservar ou esquecer, seja ela na dimensão da memória individual ou coletiva. O campo da História da Educação, especificamente, o da História da Educação Profissional, elegem o trato das memórias para a operação da escrita da história do trabalho, sua relação com a educação e os centros de formação que preparam para a atuação no mundo trabalho.

A Memória da Educação Profissional em Ciavatta

Antes de qualquer conceituação ou definição da categoria “Memória” no campo da Educação Profissional, esclarece-se que se fez a escolha por dois escritos da Professora doutora

Maria Ciavatta. Esses textos são: “A cultura material escolar em trabalho e educação - A memória fotográfica de sua transformação”, publicado em 2009 e “Como se escreve a História da Educação Profissional: caminhos para a historiografia”, divulgado em 2019.

A professora Ciavatta (2019) ao desenvolver seu segundo texto faz uma tessitura sobre a memória citando uma fala de Massimo Mastrogregori (2006) que diz trata-se de identificar “o destino dos traços visíveis do passado” através da memória e da história das condições que o determinaram. A autora ainda apresenta o pensamento de Maurice Halbwachs (1990) advertindo que as memórias se tornam possíveis devido as condições sociais do presente. De forma que a cognoscibilidade se constitui numa relação inédita com o passado, a partir do final do século XVIII, criando espaço para questões e problemas de ordem historiográficos, para a memória coletiva, as memórias e os demais traços visíveis do passado no presente.

Ciavatta (2019) trás para a discussão da categoria memória o teórico da Nova História Marc Bloch (2001) quando ele se refere ao início do século XX, reconhecendo e destacando o papel da memória coletiva na evolução histórica do trabalho, das relações de trabalho e dos modos de produção. Nesse caso, “seria a memória transmitida das gerações mais velhas às novas gerações que dariam aos grupos sociais a relação do presente com o passado” (CIAVATTA, 2019, p. 37).

Nessa reflexão de que a memória é uma relação entre presente e passado, Ciavatta (2019) aponta a produção de Jorn Rüsen (2009) afirmando que “a memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente”.

Desse modo, questiona-se: a memória é uma nuance do presente que torna o passado vivo e está intimamente ligada aos aspectos culturais? O que se apreende por meio da memória? A esse respeito, Ciavatta (2019, p. 48) diz que “[...] se apreende, através da memória e dos documentos preservados sobre essas transformações, é o registro que a sociedade, através de determinados sujeitos sociais, fez, preservou e transmitiu às novas gerações através da linguagem oral, escrita e iconográfica”.

Traduz-se, então, que as transformações sociais ocorrem no contexto da vida, do trabalho e da educação que se expressam em diversas conjunturas históricas. Diante dessa questão, será que se pode dizer que essas transformações materializadas na história podem ser expressas ou lidas por meio das mais diversas fontes documentais?

Conforme Ciavatta (2009)

Mais do que os documentos escritos, a memória preservada nas fotografias expressa a mudança profunda na materialidade escolar, que acompanha, em cada época, a transformação dos processos produtivos impulsionados pelos objetivos de política educacional, pelo desenvolvimento científico-tecnológico e pela nova organização do trabalho (CIAVATTA, 2009, p.40).

Nota-se com esse argumento de Ciavatta (2009) que as fotografias revelam, nas entrelinhas, as intencionalidades de uma materialidade educacional, num dado tempo e espaço, ou seja, as fotografias demonstram dados de uma memória. Esse aspecto torna-se relevante para Ciavatta (2009), tanto que cita Kossoy (1989) para lembrar que:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade registrado fotograficamente. Se por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotografia, tecnologia) que lhe deram origem, por outro, registro visual nele contido reúne um inventário de informações daquele precioso fragmento do espaço/tempo retratado. O artefato no seu todo, assim como no registro visual na sua individualidade, constitui uma fonte histórica (KOSSOY, 1989, p. 30-31).

As palavras de Kossoy (1989) levam-nos a acreditar que a fotografia é resultado das ações sociais, ou melhor, é através dela que o visível pode revelar o invisível. Com esse argumento, é possível afirmar que a fotografia fala por si só ou haverá necessidade de outros documentos para compreender esse suporte da memória?

Mas, a fotografia não fala por si sobre tudo que oculta além de sua sedução, da aparência sensível, estetizada com que se nos apresenta. Precisamos de outras fontes documentais para identificá-la no tempo e no espaço, de modo a saber quem a produziu, a preservou, como está sendo utilizada, com que finalidades. Precisamos proceder a um processo de intertextualidade, isto é, de leitura das fotos recorrendo a outros textos para sua compreensão como fonte histórica (CIAVATTA, 2009, p.46).

Outra fonte recorrente para a interpretação da fotografia são as entrevistas orais, pois os cruzamentos das fontes documentais permitem ao historiador uma ampla discussão e desse modo ele poderá tecer um escriturário científico, e não apenas uma leitura apaixonante do que está visível.

Ciavatta utiliza-se do artefato da fotografia como lugar próprio de evocação de memórias sobre os modos de produção organizados pela humanidade e os sentidos distintos atribuídos ao trabalho. Teria pensado numa memória da educação profissional revelada nas fotografias? Nesse

De acordo com Ciavatta (2009) as temporalidades impressas nas escolas para o trabalho podem ser notadas nos registros fotográficos que demonstram os materiais, as tarefas ou atividades, bem como a distribuição das mobílias, utensílios e equipamentos no espaço, também questões ligadas aos estudantes e aos docentes que atuavam nas Casas de Educandos, Liceus de Artes e Ofícios, Escolas de Aprendizes e Artífices e nas Escolas Técnicas que funcionaram em diversas partes de nosso país.

O destaque está na forma sistemática de como Ciavatta (2009) organiza e analisa as fotografias referentes à memória da Educação Profissional no Brasil. Primeiro, agrupa as fotografias de três escolas de Educação Profissional, evidenciando as propostas de ensino profissional e relação de cada uma delas com o mundo do trabalho, do início do século XX. Depois, elege uma quarta escola criada no século XXI, que, por meio da análise das imagens, mostra ser abastecida com as tecnologias da informação e da comunicação e as utiliza nos processos de formação dos estudantes.

Outra marca relevante de Ciavatta (2009), nesse processo de análise, está no agrupamento das imagens das escolas a partir de quatro categorias, que foram organizadas nos temas: assistência, trabalho, formação profissional e formação geral. De modo que durante o processo de diálogo com as fotografias foi que a pesquisadora evocou as memórias sobre o modo como se organizavam os currículos, as maneiras como eram instituídas determinadas práticas, as razões para a priorização do registro de determinados eventos, dentre outros aspectos.

Neste sentido, os estudos da Professora Maria Ciavatta são considerados pioneiros e de elevada relevância para o campo da História da Educação Profissional (EP), por utilizar a imagem fotográfica como fonte para a memória e uma historiografia da educação para o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar as categorias “memória” e “memória da educação profissional” nas concepções de Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Maria Ciavatta foi de certo modo uma atividade complexa, diz-se isso porque esses teóricos não viveram o mesmo tempo histórico e nem comungaram o mesmo espaço geográfico. Os dois primeiros cientistas já faleceram. A última, continua pesquisando durante as primeiras décadas do século XXI, teorizando e discutindo sobre a memória da Educação Profissional no Brasil, a partir do trato com as fotografias.

Nota-se que esses teóricos apresentam a concepção de memória descrita como sendo uma construção social e histórica de eventos do passado, evocados no presente. Para isso, usa-se as fontes documentais, como por exemplo, os documentos escritos, as narrativas orais e as fotografias (fontes iconográficas), como bem realizou Ciavatta (2009) por meio das pesquisas históricas.

Para os três cientistas sociais analisados a memória é produzida socialmente e apresenta-se como essencial no exercício da produção historiográfica. A memória coletiva foi significativa elaboração teórica para o campo das pesquisas em História, particularmente, em História da Educação, por meio da compreensão metodológica que as memórias são reatualizadas e produzidas por meio de uma seleção subjetiva operada por cada pessoa.

Conclui-se essa reflexão com o pressuposto que as categorias “memória” e “memória da educação profissional” permite-nos entender que possibilita-nos fazer História, particularmente, contribuir com a História da Educação para o Trabalho, tecidas a partir de indagações e problematizações infundáveis sobre o passado. Assim, já nos preconizam metodologicamente os estudiosos que tiveram atuação na Nova História e na História Cultural desde os anos trinta do século XX.

A descontinuidade das fontes encontradas nos arquivos nos permite pensar que a produção da História não se encontra em estado de perfeição. Nessa condição, o documento se apresenta como materialidade da memória e a história se reconstrói por determinada sociedade situada num tempo e espaço em constante movimento.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A história como memória social**. O mundo como teatro. Lisboa: Difel, 1992.

CIAVATTA, Maria et al. A historiografia em trabalho-educação: como se escreve a história da educação profissional. In: CIAVATTA, Maria. **Como se escreve a história da educação profissional: caminhos para a historiografia**. Uberlândia-MG: Navegando publicações, 2019. p.31-56.

CIAVATTA, Maria. A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Revista Educ. e Filos.**, v.23, n.46, p.37-72, jul./dez. 2009.

DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Jacques Le Goff: uma breve biografia, obras publicadas no Brasil e influência no Programa de Estudos Medievais da UFRJ. **BRATHAIR**, v.16, n.1, 2016. Disponível em:<<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1173>>. Acesso em 28 de Out. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda,1990.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2013. Resenha de DA SILVA, G. F. A memória coletiva. **Revista Aedos**, v.8, n.18, p.247-253, ago. 2016. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252/38241>>. Acesso em 09 de fev. 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 1996.

LIMA, R. de; SILVA, L. A. Jacques Le Goff: estudo de conceitos em história da educação. In: VIII Jornada de estudos antigos e medievais. I Jornada internacional de estudos antigos e medievais. **Anais...** Maringá-PR: UEM, 2010. Disponível em:< <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/39.pdf>>. Acesso em 08 de fev. 2020.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Jacques Le Goff e a história política da Idade Média. **BRATHAIR**, v.16, n.2, 2016. Disponível em:<<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1264>>. Acesso em 28 de Out. 2019.

MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates**: da escola dos *Annales* à história nova. 2010. Disponível em:< <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1762/tendencias%20e%20debates.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 de nov. 2019.

**THE “MEMORY” AND “MEMORY OF PROFESSIONAL EDUCATION”
CATEGORIES IN THE CONCEPTIONS OF JACQUES LE GOFF, MAURICE
HALBWACHS AND MARIA CIAVATTA**

ABSTRACT

This article deals with reflection on Memory based on the theorization of Jacques Le Goff and Maurice Halbwachs and on Memory of Professional Education (EP) under Maria Ciavatta's theoretical perspectives, as fundamental analysis categories in the study of History and History of Education themes . For the

accomplishment of this writing, a bibliographic research about the theme was made, as well as reflective readings about the conceptions proposed by the mentioned authors. With this study, it can be concluded that both Memory and Memory of EP are essential historical categories for research in History of Education, specifically, in History of EP, as they constitute elements that mobilize the production of verbal narratives (statements, scriptures and printed) and non-verbal (iconographies).

Keywords: Memory. Professional Education Memory. Story. Historical Categories.

LAS CATEGORÍAS "MEMORIA" Y "MEMORIA DE LA EDUCACIÓN PROFESIONAL" EN LAS CONCEPCIONES DE JACQUES LE GOFF, MAURICE HALBWACHS Y MARIA CIAVATTA

RESUMEN

Este artículo aborda la reflexión sobre la memoria basada en la teorización de Jacques Le Goff y Maurice Halbwachs y sobre la memoria de la educación profesional (EP) bajo las perspectivas teóricas de Maria Ciavatta, como categorías de análisis fundamentales en el estudio de los temas de Historia e Historia de la Educación. . Para la realización de este escrito, se realizó una investigación bibliográfica sobre el tema, así como lecturas reflexivas sobre las concepciones propuestas por los autores mencionados. Con este estudio, se puede concluir que tanto la Memoria como la Memoria del EP son categorías históricas esenciales para la investigación en Historia de la Educación, específicamente, en Historia del EP, ya que constituyen elementos que movilizan la producción de narraciones verbales (declaraciones, escrituras y impreso) y no verbal (iconografías).

Palabras clave: Memoria. Memoria de educación profesional. Historia. Categorías históricas.

Submetido em: abril de 2020.

Aprovado em: abril de 2020.

Publicado em: abril de 2020.